

O uso de digressões em textos orais

The use of digressions in oral texts

Leila Maria Tesch*

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Resumo: A digressão ocorre numa ação momentânea de suspensão de um tópico, sendo introduzido um novo e de maior interesse naquele instante, seguido da reintrodução do tópico original. Segundo Dascal e Katriel (1979), há três tipos de digressões: 1) baseadas no enunciado; 2) baseadas na interação; e em 3) sequências inseridas. O presente trabalho pretende investigar o uso desses três tipos em textos orais produzidos por falantes capixabas, retirados de entrevistas tipicamente labovianas do banco de dados do PortVix. O objetivo desta pesquisa é observar em que medida, ao empregar tal estratégia, a interação recebe uma espécie de reorientação de seu sentido. A análise qualitativa dos dados demonstrou que a digressão é uma estratégia conversacional muito utilizada pelo falante e que, apesar de apresentar caráter suspensivo e flutuante, deve ser considerada como um evento coerente, intervindo de forma decisiva na instauração, condução e manutenção da organização textual e interacional do evento comunicativo.

Palavras-chave: Digressão. Tópico discursivo. Oralidade. PortVix.

Abstract: Digression occurs in a momentary action of suspension of a topic, in which a new and of more interest one is introduced in that moment,

* Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil; leilatesch@gmail.com

followed by the reintroduction of the original topic. According Dascal and Katriel (1979), there are three types of digressions: 1) the one based on the enunciation; 2) the one based on the interaction; and on 3) inserted sequences. This paper aims to investigate the use of these three types of digressions in oral texts produced by Capixabas speakers, extracted from typically labovian interviews from the PortVix database. The objective of this research is to observe to what extent the interaction, by employing this strategy, is a kind of reorientation of its meaning. The qualitative analysis of the data showed that digression is a conversational strategy which is widely used by the speaker and, despite its suspensory and fluctuating character, it should be considered a coherent event, provided that it decisively intervenes in the establishment, and maintenance of textual and interactional organization of the communicative event.

Keywords: Digressions. Discourse topic. Orality. PortVix.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende descrever o uso de digressões em textos orais produzidos por falantes capixabas, verificando em que medida, ao empregar essa estratégia, a interação recebe uma espécie de reorientação de seu sentido. O *corpus* compõe-se de textos orais realizados entre dois entrevistadores e um informante – retirados do banco de dados PortVix¹ (“O português falado na cidade de Vitória”). Inicialmente, este artigo aborda a topicalidade discursiva, salientando noções básicas no estudo da temática e definindo o termo digressão. Em um segundo momento, analisam-se as ocorrências de digressões em uma entrevista do banco de dados PortVix.

A digressão pode ser considerada como uma ação momentânea de suspensão de um tópico, sendo introduzido um novo e de maior interesse naquele instante, seguindo-se a reintrodução do tópico original. Embora haja estudiosos que questionem sua existência, como Koch (1990), os resultados indicam que ela é uma estratégia empregada pelo falante para fazer emergir algo que estava latente naquele ponto da atividade discursiva. Pode ser considerado um desvio momentâneo que

¹ Para maiores informações conferir Yacovenço et al. (2012).

traz vivacidade ao jogo textual-interativo, possibilitando maior envolvimento dos participantes nos textos orais.

2 TÓPICO DISCURSIVO

Na literatura linguística o termo tópico é controverso, pois não há uma definição consensual de tal categoria. Portanto, antes de definir as digressões, convém indicar algumas tendências de abordagem do que é considerado tópico discursivo e apresentar a concepção adotada neste trabalho.

Segundo Gorski (1994, p. 19), uma distinção básica é entre “tópico sintático” e “tópico discursivo”. O primeiro relaciona-se basicamente às chamadas construções de topicalização e de deslocamento para a esquerda, ou seja, não extrapola o limite da frase. No domínio discursivo, também não há visão consensual, tendo em vista que alterna entre uma acepção semântica (identifica tópico como assunto, a partir de uma estrutura hierarquizada) e uma acepção sintática (o tópico é o ponto de partida do enunciado, depreendido com base numa estrutura linearizada). Em ambas as acepções, o contexto discursivo é fundamental.

Seguindo uma visão funcionalista do tópico, Givón (1983, 1990) afirma que uma das dimensões da topicalidade é a estrutura temática, ou a substância temática do discurso precedente. Logo, é possível relacioná-lo ao assunto, o tema do discurso.

Brown e Yule (1983) definem o tópico como “aquilo acerca do que se está falando” – é o conteúdo da conversa, construído de forma colaborativa entre os participantes. Essa colaboração se dá com o falante se esforçando para obter a atenção do ouvinte que deve, por sua vez, esforçar-se para desenvolver o tópico.

Para Mentis (1988), o tópico é como uma oração ou SN que identifica a questão de interesse imediato e fornece uma descrição global do conteúdo de uma sequência de enunciados. Assim, não pode ser confundido com a estrutura sentencial tópico/comentário, posto que se amplia para além do nível sentencial. Isso significa que um mesmo tópico discursivo pode ser mantido em fragmentos de uma conversação, mesmo que haja mudanças nos tópicos dos enunciados sentenciais.

Dascal e Katriel (1979, p. 79-80) afirmam que o tópico não depende somente da estrutura das sentenças usadas na conversação e de seus significados, mas também de fatores contextuais, como o ambiente onde acontece, a experiência dos participantes, os eventos ou estímulos a que eles correntemente são submetidos.

Além dessas, há a definição pelas propriedades de centração e organicidade propostas por Jubran et al. (2002). A primeira propriedade diz respeito ao conteúdo e não se confunde com a estrutura sentencial “tópico/comentário”, “tema/rema”. Há uma vinculação entre o que se fala e como se fala. A organicidade manifesta-se por relações de interdependência que ocorrem no plano hierárquico (dependências de superordenação e subordenação entre os tópicos) e no plano sequencial (articulações intertópicas, relações que podem ser da adjacência ou interposição na linha discursiva).

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi adotada a definição de tópico apresentada por Paredes Silva:

Adoto aqui uma concepção operacional de tópico, na mesma linha de Mentis (1988), entendendo o tópico do discurso como o SN ou a oração que identifica a questão de interesse imediato e provê uma descrição do conteúdo de uma sequência de enunciados (1988; 58). O tópico serve, então, para descrever sobre o que se fala/escreve e identifica o ponto de interesse focalizado. Mentis acrescenta ainda que ele pode receber um rótulo, que não precisa coincidir com algum enunciado expresso no discurso, mas ao qual todos os enunciados da sequência se devem poder relacionar. Esse rótulo funcionaria, assim, como um resumo, uma síntese daquela sequência. (Paredes Silva, 1995, p. 233)

2.1 Digressão

Apesar de ser considerada um desvio do tópico que vinha sendo desenvolvido, a digressão assegura a continuidade no fluxo da conversação, possibilitando a manutenção do diálogo.

As digressões têm sido definidas na literatura como segmentos não relacionados topicamente com os materiais precedentes ou subsequentes, que estão, estes sim, relacionados entre si: isto é, na digressão o tópico em curso é provisoriamente abandonado e um novo tópico é introduzido, sendo, a seguir, por sua vez abandonado e substituído novamente pelo tópico anterior (esquema A/B/A). (Koch, 2003, p. 148)

Andrade (2001) afirma que as digressões não podem ser vistas como rupturas tópicas, mas como decorrência das condições interacionais. Elas orientam os participantes no processo discursivo planejado durante a interação. Desvios tópicos são frequentes e não podem ser interpretados como fatores que geram incoerência discursiva.

Embora a digressão não esteja diretamente relacionada com o tópico discursivo precedente nem com o que lhe segue; ela não é acidental e tampouco cria uma ruptura de coerência, na medida em que é decorrente de relações de relevância tópica. A digressão implica a substituição de um domínio de relevâncias (tópico discursivo, ou seja, o assunto da atividade textual) por outro domínio diferente que suspende momentaneamente aquele domínio anterior, colocando-o à margem do campo de percepção, enquanto o novo tópico discursivo assume posição focal. (Andrade, 2002, p. 01)

O tópico conversacional é algo extremamente dinâmico, pois vai se alterando ou deslocando a cada intervenção dos parceiros. A conversação é uma atividade de coprodução discursiva; assim, não é possível prever com exatidão em que sentido o parceiro orientará sua intervenção.

O fenômeno da digressão é bastante frequente no texto conversacional, e não pode ser considerado responsável por tornar o texto incoerente – pelo contrário, desempenha papel relevante na própria construção da coerência da conversação (Koch, 2003, p. 147).

A percepção de algum elemento situado à margem do conjunto poderá gerar uma digressão, caracterizada pela instauração de um novo tópico, o qual é substituído pelo anterior em seguida. Nas digressões, os interlocutores introduzem um tópico para explicar, avaliar, identificar e, em geral, comentar acerca do tópico original. Além disso, a digressão pode apresentar qualquer tamanho e ser inserida em qualquer parte do texto e em obras de qualquer natureza, assim como podem ter ou não marcas delimitadoras.

Koch (2003, p. 147) aponta uma relação entre digressão e coerência. Segundo ela, alguns autores (cf. Reinhart, 1980; Giora, 1985; Van Dijk, 1983, entre outros) estabelecem como requisito para a coerência que os enunciados que se seguem sejam relevantes para o tópico em andamento. No entanto, caso isso não ocorra, “ou o texto não é coerente, ou ocorrem as chamadas ‘digressões’”.

Ao estabelecer a relação entre coerência e digressão, Koch (2003, p. 157) ressalta que a coerência não está apenas no texto, mas resulta de uma construção dos parceiros na situação interativa. Na conversação espontânea, o tópico é algo dinâmico, em constante mutação, resultante de deslocamentos, operados pelos parceiros, de relevâncias “centrais” para outras “marginais” ou de determinados conjuntos de relevâncias para outros, por causa da introdução de novos fatos mencionáveis na conversação, a partir de outros já existentes, ou de qualquer tipo de associação ou de alguma implicatura do(s) enunciado(s) anterior(es).

Para Dascal e Katriel (1979, p. 84), “uma digressão pode ser caracterizada por duas mudanças imediatas envolvendo o mesmo tópico”, estabelecendo uma relação de contiguidade, que pode ser representada por uma localização (A – B – A). Afirmam, ainda, que as ocorrências de digressões nas conversações são experienciadas pelos parceiros como eventos coerentes e não como “pastiches” verbais.

Esses autores classificam as digressões em três tipos: 1) baseadas no enunciado; 2) baseadas na interação; e em 3) sequências inseridas. A seguir, apresenta-se a caracterização de cada uma delas, a partir dos pressupostos de Dascal e Katriel (1979). Vale ressaltar que será adotada tal classificação para a análise dos dados aqui investigados.

2.2.1 Digressão baseada no enunciado

Há uma espécie de relação – de tipo semântico, associativo ou pragmático – entre o enunciado principal e o digressivo. O aspecto semântico permite essa relação pelo fato de cada item lexical ter atrelado a ele um conjunto próprio de relevâncias e o locutor poder recorrer a algum deles no desenvolvimento de seu enunciado, mesmo que não seja de uma relevância focal. A relação associativa possibilita estabelecer relações paradigmáticas de qualquer espécie com elementos evocáveis a partir de um elemento lexical. O tipo pragmático permite a digressão por ela relacionar-se a uma implicatura do enunciado e não ao conteúdo nele explícito. Nesse tipo de digressão, há um deslocamento tópico introduzindo novo conjunto de relevâncias, o que não impede, porém, que o conjunto de relevâncias atreladas ao tópico anterior seja retomado a seguir.

2.2.2 Digressão baseada na interação

Estabelece uma relação com alguma alteração imposta por um fator fora da situação comunicativa (como ruídos, elementos distrativos de qualquer espécie);

assim, não mantém qualquer relação com o tópico em curso. Do ponto de vista da continuidade tópica, apresenta-se como uma ruptura e, do ponto de vista informativo, como redundante. É a dimensão social, consensual, implícita da interação que está em jogo: ao mencionarem explicitamente aquilo que implicitamente ameaça a interação, os interlocutores constituem tal ameaça em elemento negociável na transação conversacional. Nesse tipo de digressão, há fatores externos que perturbam o desenrolar normal da conversação, que causam a interrupção, incorporando ao texto conversacional referências a tais fatores.

2.2.3 Digressão baseada em sequências inseridas

Caracterizam-se como sequências corretivas ou clarificadoras, pois constituem uma resposta a um enunciado anterior não compreendido ou não aceito integralmente pelo interlocutor. Essa digressão está baseada no ouvinte. As sequências inseridas intercalam-se entre dois segmentos tópicos para corrigir ou explicar pontos relevantes para a construção do sentido. Tais sequências não chegam a alterar o andamento do tópico em curso – visam a iluminar ou corrigir algo que poderia prejudicar a compreensão, possibilitando assim que a conversação progrida do modo desejado. Exercem, portanto, uma função metalinguística.

3 A NATUREZA DO TEXTO FALADO

O texto oral é um evento interativo, uma ação social em que os significados são negociados a todo instante, pois as pessoas exploram muitos recursos da língua, devido ao fato desse tipo de situação permitir o imprevisto, a inovação e onde as mudanças no sistema acontecem.

Koch (2003, p. 79-80) estabelece algumas características típicas da fala:

- 1) É relativamente não-planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional; isto é, ela necessita ser *localmente planejada*, ou seja, planejada e replanejada a cada novo “lance” do jogo da linguagem.
2. O texto falado apresenta-se “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a “pôr a nu” o próprio processo de construção. Em outras palavras, ao contrário do que acontece com o texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e

correções etc., no texto falado planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho.

3. O fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância.

4. O texto falado apresenta, pois, uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua.

5. A escrita é o resultado de um processo, portanto, estática, ao passo que a fala é processo, portanto, dinâmica. Halliday (1985, p. 74) capta bem essa diferença, utilizando a metáfora do quadro e do filme. Para o leitor, o texto se apresenta de forma sinóptica: ele existe, estampado numa página – por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmica, coreográfica: ele acontece, viajando através do ar – por trás dele é como se não existisse um quadro, mas um filme.

Em situações de interlocução, como ocorre no *corpus* aqui analisado, o locutor que detém a palavra não é o único responsável pela produção de seu discurso. Segundo Marcuschi (1986), a interação caracteriza-se como uma atividade de coprodução discursiva, tendo em vista que os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto. Há um processo de cooperação, como também conegociação e coargumentação; assim, não tem sentido analisar separadamente as produções de cada interlocutor. Cada turno pode promover uma reorientação, mudança ou quebra do ponto de vista em curso.

O texto falado compõe-se de várias porções tópicas que, apesar de organizadas sequencialmente, podem ser reintroduzidas ou retomadas. Há continuidade tópica quando estes tópicos se apresentam em uma seqüência linear. No entanto, quando tal tópico é suspenso e reintroduzido em outro momento, tem-se uma descontinuidade tópica, que é o traço definidor do fenômeno da digressão. Vale ressaltar que esta não ocasiona interrupção no fluxo conversacional: estabelece uma mudança de foco no tópico discursivo em andamento, fazendo surgir algo que estava no horizonte do campo de percepção do falante.

Devido a essas características, pretende-se analisar a ocorrência de digressões em uma entrevista de um banco de dados de base sociolinguística, buscando identificá-las e pesquisá-las.

4 METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é descrever o uso de digressões em textos orais, especificamente em quatro entrevistas do projeto “O português falado na cidade de Vitória”. Tal tarefa será possibilitada pelo arcabouço teórico visitado e resenhado no início deste artigo.

A análise da organização da entrevista compreende as seguintes etapas: 1) distribuição de quatro entrevistas em segmentos tópicos; 2) verificação de ocorrências de digressões; 3) classificação das digressões a partir das definições de Dascal e Katriel (1979); 5) análise de algumas ocorrências de digressões.

Vale mencionar que a apreensão dos tópicos é dificultada em textos conversacionais, por fatores como a interferência de pressuposições e conhecimentos partilhados pelos falantes, cuja inferência depende sensivelmente do analista. Além dos elementos não verbais, como gestos, olhares e expressões fisionômicas não acessíveis ao pesquisador.

A abertura ou começo nem sempre tem realização específica e pode ser detectada apenas pela mudança do rumo da conversação. Se o tópico se caracteriza por centrar-se em um assunto, o início de um segmento tópico pode ser detectado no momento em que esta centração de assunto se distingue de uma outra centração anterior. (Lins, 2003, p. 26)

Para facilitar a apreensão das unidades de tópico discursivo, foram considerados os mecanismos sinalizadores de transição de um tópico para outro, apontados por Mentis (1988): 1) uso de proposições que marcam explicitamente o fechamento de uma sequência tópica; 2) uso de enunciado conclusivo sobre o tópico em discussão; 3) silêncios; 4) uso de “movimentos de passagem”, em que os participantes da conversação indicam que não estão interessados em acrescentar algo mais à sequência tópica, por meio do uso de palavras como “é”, “certo”, “okay”, “bem” etc.; 5) ocorrência de algum evento no meio ambiente que resulte no término da sequência tópica; 6) não marcação de fechamento tópico, que só é percebido pelo conteúdo proposicional da sequência seguinte; 7) mudança de tópico depois de um discurso ambíguo de um dos participantes; 8) enunciados de início de tópico (“vamos falar de...”); 9) uso de artifícios (“pré-atos”), como as expressões: “a propósito de...”, “antes que eu me esqueça...”, “você sabe que...”; 10) uso de perguntas; 11) uso de enunciados de reintrodução de tópico (“voltando a ...”).

Koch (1992) apresenta alguns marcadores de digressão, como “a propósito”, “por falar nisso”, “abrindo um parêntese”, “antes que eu me esqueça”, “desculpe interromper” etc. Ainda explicita alguns marcadores que podem encerrar as digressões: “voltando ao assunto”, “mas onde é que estávamos mesmo”, entre outros.

4.1 O *corpus* analisado – Portvix

A presente pesquisa examinou um *corpus* composto de representantes de uma comunidade de fala – no caso, a capixaba. Os informantes que compõem o banco de dados foram selecionados de acordo com a faixa etária, sexo e escolaridade. Deu-se preferência àqueles que tivessem nascido em Vitória, porém, quando não encontrados, buscou-se os que, pelo menos, haviam-se deslocado para a cidade até os 5 anos de idade, ou que ali tivessem passado mais de três quartos de sua vida, no caso da faixa etária mais elevada, conforme mencionado por Mazieira e Tesch (2002). O *corpus* do projeto “O português falado em Vitória”, do banco PortVix, compõe-se de 46 entrevistas, cada uma com cerca de uma hora duração.

Esse projeto escolheu como tipo de entrevista a semidirigida²², por este tipo proporcionar uma fala natural, mesmo trabalhando com temas pré-selecionados pelos entrevistados, já que há, também, a possibilidade de mudanças temáticas, se assim o falante desejar.

Na realização das entrevistas³³, objetivou-se a obtenção da fala espontânea, da maneira mais natural possível, mesmo que as circunstâncias não fossem de todo favoráveis. A gravação foi realizada a partir da conversa entre dois pesquisadores e um informante. Tencionou-se a obtenção de estilos formais e informais, linguagem familiar e própria de situações mais tensas, comuns nas situações de entrevistas.

A análise da digressão nesse banco de dados torna-se interessante, em razão dessas características, uma vez que os entrevistadores buscam descobrir um assunto familiar ao informante e explorá-lo ao máximo. Porém, provavelmente, não é possível mantê-lo firmemente o tempo todo, por ocorrerem mudanças de foco e o retorno do tópico anterior poder acontecer ou não.

² Na conversa semidirigida, que é conduzida como livre, faz-se a introdução de temas previamente selecionados. Observam-se quais temáticas ajudam a nortear o diálogo, introduzindo algo de informal na entrevista, já que o falante poderá discorrer sobre os assuntos que lhe forem mais familiares.

³ Posso afirmar tais características por ter participado da constituição desse banco de dados.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A digressão opera uma mudança de foco em relação ao tópico discursivo em andamento, revelando algo que está no horizonte do campo de percepção do falante. Assim, a interação verbal recebe uma espécie de reorientação de seu sentido.

Por ser o texto conversacional fruto de uma atividade de coprodução discursiva, o tópico precisa ser visto como algo dinâmico e resultante de deslocamentos operados pelos interactantes, de domínios de relevância “centrais” para “marginais”, originados pela introdução de novos domínios mencionáveis na interação, a partir de outros já existentes, ou de associações, ou ainda de implicaturas.

Nos textos orais, é perceptível a negociação individual de contexto em função do quadro de relevâncias que se estabelece na interação. O falante traz para o contexto situacional algo relacionado a suas experiências de vida, a seu contexto de conhecimento de mundo. Assim, o foco da cena discursiva é direcionado para um propósito de natureza pessoal, acarretando uma digressão baseada no enunciado⁴. Vejam-se os exemplos a seguir⁴⁵:

(1)

Entrevistador 1: e depois que você... entrou na adolescência... você... [qual foi o seu comportamento?

Informante: [não... adolescência também foi... nossa... nem... te/ **tem três tipos de adolescentes... aquele que/ que é... satisfeito com a situação... aquele que cresce... mas gostaria de ficar/ de ser criança... e aquele que não vê a hora de crescer... e... e ficar adulto... não aguenta ser um pirralho...** eu era mais desse... des/ eu amadureci primeiro que meus primos... então eu me via assim... diferente... (PortVix: Homem, 15 a 25 anos, Ensino Superior).

Neste segmento, que faz parte do tópico “comportamento na adolescência”, o informante está discorrendo sobre como se caracterizou sua adolescência (tópico A), mas suspende temporariamente o tópico em desenvolvimento para fazer um comentário a respeito dos “tipos de adolescentes” (tópico B, em negrito). Esse comentário funciona como uma exemplificação dos tipos de adolescentes, a partir de uma generalização, possibilitada pelo aspecto semântico, evocada a partir de um elemento lexical – adolescência. Tal generalização instaura, por causa do contexto de conhecimento de mundo e experiências de vida, uma digressão baseada

⁴ Os trechos em que ocorrem as digressões foram destacados em negrito.

no enunciado. Vale destacar que há uma relação da digressão com a mudança de tipo de texto nesse exemplo, uma vez que o informante começa a responder com uma sequência narrativa e durante a digressão utiliza uma sequência expositiva/argumentativa e depois retoma a narrativa.

É perceptível a volta ao tópico original (tópico A), instaurada pela expressão “eu era mais desse”, marcando que o foco de relevâncias novamente está no comportamento do informante quando adolescente.

(2)

Entrevistador 2: e::... você acha que existe idade certa... pra se casar?

Informante: não... não... não acho... que deva... deve casar... quando... bem entender... não tem idade certa não... pra casar não... **pra ter filho sim... porque é uma condição fisiológica né... não tem jeito... a mulher... tem que ter seu filho... numa faixa restrita... né... passou dos trinta e cinco... já tem muita chance complicação::... infertilida::de... e por aí vai... mas... pra casar não** (PortVix: Homem, 15 a 25 anos, Ensino Superior).

O tópico desenvolvido nesse trecho da entrevista é “idade para casar” (tópico A). No entanto, o informante desvia o foco para “idade de ter um filho” (tópico B). Essa digressão é baseada no enunciado, tendo em vista que estabelece uma relação associativa entre casar e ter filho.

(3)

Entrevistador 1: como a gente tava falando igual do Big Brother... esses acontecimentos... você acha que deveria ter censura na televisão?

Informante: eu não sei... eu nunca parei pra pensar sobre isso não... mas... eu acho que tem que ter um certo limite as coisas assim pra não ser ridículo... **igual eu acho isso uma coisa ridícula de se/de se passar... eu acho que não tem necessidade não vão acrescentar nada a ninguém...na::da...vai acrescentar na::da... ninguém vai ficar mais inteligente ou vai ficar mais sabe?... na::da em relação a isso...** eu acho que não deve ter censura não (PortVix: Mulher, 15 a 25 anos, Ensino Superior).

Nesse segmento, constata-se outra ocorrência de digressão, também baseada no enunciado. O tópico original é “censura na televisão” (tópico A), introduzido pelo entrevistador e depois continuado pelo informante. Entretanto, esse locutor sente a necessidade de dar um testemunho sobre situações ridículas exploradas na televisão (tópico B), justificando sua resposta ao enunciado elaborado pelo

entrevistador. Posteriormente, constata-se o retorno ao tópico prévio, introduzido pelo marcador discursivo “eu acho”.

(4)

Informante: é:: igual você pegar um BAR::co maravilhoso... você pega um barco... por exemplo... você sai de:: Nápoles... você pega um na/ Barco... um navio... bonito... vo/ você vai até Capri... você passa no mar... (né/ né) difere::nte... entendeu?... você sabe que vai de manhã... você volta à tarde... mas não:: NÁO me atrai... **eu tenho muito respeito pelo mar... muito respeito... pelo mar...** ((pigarro)) eu/ eu eu num/ nunca peguei uma lancha pra ir daqui a Vila Velha... aquela lancha... quando tinha... de Bote... quando eu era pequena mamãe levava ... eu andei sim... naquela lanchinha de Vitória a Paul ali... mas...então eu acho **eu tenho tenho muito respeito pelo mar...** ná::o me atrai não (PortVix: Mulher, 50 anos ou mais, Ensino Superior).

Observa-se que o tópico em andamento – “viagem de barco” (tópico A) – é momentaneamente suspenso e um outro que estava à margem – “respeito pelo mar” (tópico B) – é introduzido. Essa suspensão tópica, apesar de interromper a sequência narrativa, relaciona-se com o conteúdo informativo do texto e, assim, permite a inserção de dados no universo cognitivo contextual dos interlocutores. Dessa forma, não há descontinuidade no fluxo informacional; aliás, tal modalidade de digressão é importante sob o ponto de vista interacional.

Já a digressão baseada na interação está vinculada a preocupações de ordem interacional, como o desejo de integrar os interlocutores no evento conversacional. Embora acarrete a suspensão temporária do tópico, nota-se que não provoca quebra na interação e, conseqüentemente, na configuração textual. Observe alguns exemplos desse tipo de digressão:

(5)

Entrevistador 1: você acha que deveria ter censura então... na televisão... como controlar isso então?⁵⁶

Informante: censura... não::... ah... tem que ser controle dos pais

Entrevistador 1: **[oi boa tarde**

Entrevistador 2: **[boa tarde**

Informante: **elas são alunas da... L.**

Externo: é?

Informante: é

⁵ Vale mencionar que, a partir da análise de um trecho mais amplo da entrevista, o assunto enfocado era controle da televisão para as crianças.

Entrevistador 1: **o senhor que é::**

Informante: **ele... ele é::**

Entrevistador 1: **irmão... não? primo?**

Informante: **ele é meu pai**

Entrevistador 1: **ah... você é primo da L.?**

Informante: **eu sou primo da L... ela é sobrinha dele**

Entrevistador 1: **((risos))**

Externo: **((risos))**

Informante: **aposentou agora... ((risos))... vai ficar em casa um pouquinho**

Externo: **não me acostumei não**

Informante: **não mesmo... ((risos))... então:... é... ou então... eu tava falando**

Entrevistador 1: controle

Informante: eu acho que tem... é difícil né... é tentador ver... a criança quietinha... lá... hipnotizada... pela televisão... sem encher o saco (PortVix: Homem, 15 a 25 anos, Ensino Superior).

Nesse trecho da entrevista, os interlocutores estão desenvolvendo o tópico A, “censura na televisão”. Contudo, o tópico é interrompido pela chegada do pai do informante no ambiente em que ocorria a entrevista (Externo)⁶⁷. Nesse momento, há uma digressão baseada na interação, visto que está relacionada a um fator de ordem contextual. “Os interlocutores têm preocupações sociais e necessitam interagir de acordo com as normas”, como assinala Andrade (2002, p. 06). O tópico central (A) é suspenso temporariamente para ceder lugar a um de interesse da interação, tendo em vista que o dono da residência onde a entrevista ocorria havia chegado. Assim, ocorreu um desvio do foco de relevância no contexto da situação e das relações sociais.

O retorno do tópico original acontece quando o informante se dirige aos entrevistadores tentando recordar o que estavam discutindo, utilizando, para isso, expressões bem características das digressões: “então” e “eu tava falando”. Em seguida, um dos entrevistadores cita o tópico que era anteriormente desenvolvido.

(6)

Entrevistador 2:[e sobre o relacionamento de homossexuais... você::

⁶ Os indivíduos que não faziam parte da entrevista e que por ventura entrassem no ambiente da entrevista e passassem a fazer parte do diálogo foram denominados de membro externo da entrevista.

Entrevistador 1: qual é a sua opinião?

Informante: ah::... não:: faço muita... objeção não... quiser... eu acho... que todo o mundo tem que fazer o que dá na telha... mesmo... se não... se ficar::... retendo muito as coisas... faz mal... é::... tá aí... **tá muito em voga essa questão de... de... de... já... com filho... né... [realmente... essa questão de... de filho**

Informante: **vou espirrar** [((risos)) ((espirro))]

Entrevistador 2: [((risos))]

Informante: não sei até que ponto isso... faria um estrago... na... na.. na mente do menino né... não sei (PortVix: Homem, 15 a 25 anos, Ensino Superior).

Vale mencionar que antes da ocorrência da digressão baseada na interação, há outra baseada no enunciado. O tópico original, explicitado por um dos entrevistadores, é sobre “relacionamento de homossexuais” (tópico A). No entanto, o informante, ao desenvolver esse assunto, amplia o aspecto semântico da questão e aborda a questão “em voga”, segundo as palavras dele, sobre adoção de crianças por casais homossexuais, ocasionando uma digressão baseada no enunciado.

A digressão baseada na interação, nesse exemplo, ocorre na fala do informante, ao anunciar a vontade de espirrar, ocasionando uma ruptura no texto conversacional. Esse interlocutor é obrigado a interromper seu pronunciamento (tópico B) para anunciar um espirro (alteração imposta por fatores fisiológicos) e a digressão permanece durante os risos dos participantes da interação, ocasionada pela situação inusitada.

É interessante verificar que, após a digressão baseada na interação (espirro), o interlocutor continua o tópico presente na digressão baseada no enunciado. Inclusive, o retorno ao tópico se faz utilizando o pronome anafórico “isso”, referindo-se à adoção de filhos em um relacionamento de homossexuais.

(7)

Entrevistador 2: vocês brigavam muito [como irmãos

Informante: [ná::o a gente não:: não é briGAR... a gente tinha é:: implicância né?... **mas mamãe... mas mamãe papai botava moral**

Entrevistador 2: **botava**

Informante: **botava...** (inint) não era nada de::... confuSÃO não

Externo: **vocês não tomam café não?**

Entrevistador 1: [**não... obrigada**

Entrevistador 2: [**não... obrigada**

Externo: **nenhuma das duas?... uma água gelada? nada?**

Informante: não era de confusão não... não sei... talvez eu fosse mais caPE-ta... meu irmão mais velho então essa... era ca::lma... até besta demais... o pessoal puxava as trança dela... beliscava ela... até... queimar ela queimava mamãe sentava o cacete... meu irmão mais velho né... (mas diz) mamãe que eu sou a filha mais encapetada... mas ninguém dá traBALho não... entendeu? (PortVix: Mulher, 50 anos ou mais, Ensino Superior).

O tópico A – “briga entre irmãos” – é proposto por um dos entrevistadores e desenvolvido pelo informante. Contudo, ele tenta justificar o comportamento deles, enquanto irmãos, à postura dos pais (tópico B). Posteriormente, embora o entrevistador dê continuidade ao tópico B, o informante retorna ao tópico A, acarretando uma digressão baseada no enunciado.

Em seguida, tem-se início uma digressão baseada na interação, ocasionada pela chegada de outra pessoa. Esse novo interlocutor estabelece uma situação comunicativa com os entrevistadores, no entanto o informante retoma a fala sobre o tópico anteriormente desenvolvido – o tópico prévio A.

(8)

Entrevistador 2: é festival de inverno então

Informante: é... teve um conjunto que

Entrevistador 1: é foi isso

Informante: que tava lá cantando... tinha um negócio da

Entrevistador 1: **posso colocar aqui isso?**

Informante: da/do... colégio de... negócio de...que tenho um neto que/que toca...escola de música

Entrevistador 2: aham

Informante: então nós fomos pra lá

Entrevistador 2: foi no festival de inverno então

Informante: foi... nós fomos pra lá... aí tinha um conjunto... tinha uns pessoal lá cantando que ele era... /num era brasileiro... era de fora... fizeram um showzinho lá... aí nós fomos lá aí depois acabou o festival aí nós viemos embora... agora ela queria ir lá... mais depois deu tudo errado não.../ não deu pro pessoal ir... foi o festival do (ininteligível) né...do: agora Domingo agora... uns dois domingos atrás ... (PortVix: Homem, 50 anos ou mais, Ensino Fundamental).

Outro exemplo de digressão baseada na interação pode ser constatado no fragmento acima. Os participantes da conversação desenvolvem o tópico “festival

de inverno”. Porém, no decorrer da entrevista, um dos entrevistadores pergunta se é possível colocar algum objeto sobre determinado local, acarretando uma alteração imposta por um fator fora da situação comunicativa. Em seguida, o entrevistado retoma o tópico A, sem sequer responder oralmente ao questionamento proposto.

Esses segmentos digressivos baseados na interação apresentados nos exemplos de (4) a (8) não causam qualquer dano à coerência textual. Contudo, prejudicam a comunicação (interação), pois interrompem o desenvolvimento do assunto abordado, o tópico discursivo.

A digressão baseada em sequências inseridas caracteriza-se por uma espécie de pausa no fluxo conversacional, ocasionada pela necessidade de o interlocutor obter, naquele momento, uma explicação ou uma informação.

(9)

Entrevistador 1: falando... em planos... você tem namora::da... quais são seus planos?

Informante: tenho... namorada... [namo/

Entrevistador 2: **[ó... essa pergunta tá aqui... não sou eu que tou fazendo não! ((risos))**

Informante: **tá bom...** ((risos))... tenho namorada... tem dois anos e quatro meses... já... fez... ela::... também faz medicina... estuda... só que ela... passou em Campos... tá começando o segundo ano... agora... vai começar... a gente se vê aí... quando dá né... nas férias... de quinze em quinze dias... no máximo né... e::... quando né... acho que todo o mundo... que namora... pensa... mais a mulher né... menos o homem... ((risos)) pensa um pouco em casar né.. se/ se não como se mantém... é::... por aí (PortVix: Homem, 15 a 25 anos, Ensino Superior).

Nesse exemplo, um dos entrevistadores oferece uma informação sobre o motivo de ter feito a pergunta anterior – “se tem namorada e quais são os planos”, tópico A –, pois acredita que o informante não tenha compreendido o porquê do questionamento. O entrevistador tenta justificar o motivo da pergunta e provar que não há intenção pessoal envolvida. Após a digressão, o informante afirma entender o motivo do questionamento e retoma o tópico prévio.

Observa-se no exemplo que há uma mudança em relação ao foco, sem, no entanto, provocar uma ruptura na interação. Essa movimentação tópica demonstra uma característica contextualizadora importante, uma vez que se relaciona a um tipo de questão que aflora no momento.

(10)

Entrevistador 2: você mora com... seus pais né?... você... gosta de morar em família... ou preferiria morar sozinho uma época:... ou?

Entrevistador 1: ó... se não puder falar... a gente muda de pergunta ((risos))

Entrevistador 2: é

Informante: **não... não...** a questão... e/ eu sempre dizia... até bem pouco tempo... mesmo... que eu... nossa... nã/ nã... pra mim... não faria... não teria problema nenhum... em morar com os meus pais o resto da minha vida né... que É uma mordomia danada:... né... tem tudo... tem carro... tem... televisão... som... com canal de fora... ((risos)) tem... tem um monte:: de coisa né... tem/ mui... é tudo mais fácil (PortVix: Homem, 15 a 25 anos, Ensino Superior).

O segmento acima apresenta uma digressão baseada em seqüência inserida, tendo em vista que o interlocutor – no caso específico, um dos entrevistadores – procura explicitar que não é obrigatório o desenvolvimento do tópico “com quem morar” (tópico A) proposto pelo outro entrevistador. No entanto, mesmo com a concordância do outro entrevistador em relação ao primeiro, o informante retoma o tópico proposto previamente.

(11)

Entrevistador 1: P.. assim... a gente tá falando de relacionamento... tá falando de relacionamento com irmão... e... na sua opinião por que que os casamentos de hoje... é... não duram muito tempo?

Informante: eta questão complicada né... não duram muito tempo... às vezes... bom uma coisa é que não deviam durar mesmo né.. então... só... antigamente só não se separavam porque tinha a questão religiosa... a questão... moral...o tradicionalismo... e tal... e mesmo casais... ruins a vida inteira não se separavam por conta disso... hoje em dia ninguém liga mais pra isso... separa... eu não... eu prefiro pensar duas vezes... às vezes é questão de/ de... de pura sorte também... ou azar né... você descobrir certas coisas... incompatíveis com você... durante um tempo... é... é muito... é muito... hoje eu acho que é uma... uma busca [((risos))]

Entrevistador 1: [**calma! ((risos))... calma só tou... ((risos))... sim a gente tá selecionando... [aquilo que tem a ver... entendeu... com o assunto... não precisa fazer tudo não... a gente tá selecionando aqui::**

Informante: [**ah bom... não mas é... minha preocupação é a fita... não tem (inint) de sobra... casamento... ENTÃO... eu não sei... eu sou muito novo ainda pra falar de casamento (PortVix: Homem, 15 a 25 anos, Ensino Superior).**

O tópico A – “duração dos casamentos” – é iniciado pelo entrevistador e continuado pelo informante. Entretanto, o autor da pergunta parece demonstrar certa preocupação com a opinião do entrevistado sobre a questão, talvez por achar que possa ser considerado como invasão de privacidade ou por estar abordando assuntos de interesse mais pessoais⁷⁸. Todavia, o interlocutor continua o tópico digressivo, afirmando ter preocupação com a fita (gravar informações que aparentemente não estavam relacionadas à pesquisa) e, em seguida, retorna ao tópico prévio – “duração dos casamentos”.

A partir dos exemplos apontados, torna-se imprescindível, nas interações verbais em que ocorrem as digressões, a observação do contexto situacional e da análise de quais elementos dos demais contextos (cultural, experiências de vida, conhecimento de mundo) estão presentes durante a conversação. O contexto manifesta-se por meio de uma forma de relevância (central, marginal, motivacional ou metalinguística), envolvendo a interação como presença ou saber dos interlocutores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pôde-se constatar que a digressão, estratégia conversacional muito utilizada pelo falante, deve ser considerada como um evento coerente, que acrescenta à atividade dialógica elementos de base informacional e interacional, intervindo de forma decisiva na instauração, condução e manutenção da organização textual e interacional do evento comunicativo.

Isso ocorre porque a digressão não é acidental e não acarreta uma ruptura da coerência. Há apenas uma suspensão momentânea do tópico discursivo e a substituição por outro que naquele momento assume posição de interesse maior e depois o retorno do tópico anterior.

Ao analisar as quatro entrevistas do *corpus* PortVix, constatamos ocorrências de digressões baseadas no enunciado, em que há a suspensão temporária do tópico discursivo para a transferência de outro, que funciona para exemplificar, ampliar a discussão e associar a outras questões, como exposto nos exemplos de 1 a 4.

⁷⁸ Ao realizarem as entrevistas, os pesquisadores do projeto “O português falado na cidade de Vitória” afirmavam aos informantes que fariam perguntas a respeito de questões sociais. Devido a esse fator, perguntas que não estavam ou pareciam estar relacionadas a esses assuntos poderiam ser questionadas pelos entrevistados.

As digressões baseadas na interação são impostas por fatores externos à situação comunicativa. Vimos que em entrevistas elas ocorrem devido à presença de outros indivíduos não envolvidos inicialmente, como nos exemplos 5 e 7 (lembramos que as entrevistas do PortVix se caracterizam pela presença de dois entrevistadores e um entrevistado). Outro motivador da digressão baseada na interação são os fatores fisiológicos, como no exemplo 6, e por questões ligadas ao ambiente em que se dá a situação comunicativa, como em 8.

As digressões baseadas em sequências inseridas ocorrem quando há a necessidade de se obter alguma explicação da situação comunicativa e são importantes para melhor contextualização, como exposto nos exemplos 9 a 11.

Levando em consideração as questões discutidas e exemplificadas nesta pesquisa, podemos evidenciar que, embora alguns estudiosos questionem a existência da digressão, como Koch (1990), as análises do presente trabalho possibilitaram a constatação de que ela é uma estratégia empregada pelo usuário da língua, tornando possível emergir algo que estava latente naquele ponto da atividade discursiva.

Concluindo, apesar de seu caráter suspensivo e flutuante, a digressão deve ser tomada como uma estratégia que permite a recriação de uma regra discursiva e traz vivacidade ao jogo textual-interativo, possibilitando maior envolvimento dos participantes.

REFERÊNCIAS

Andrade MLCVO. Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada. São Paulo: Humanitas; 2001.

Andrade MLCVO. O uso de digressões como estratégia discursiva na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, FAPESP; 2002.

Brown G, Yule G. Discourse analysis. Cambridge: Cambridge University Press; 1983.

Dascal M, Katriel T. Digression: a study in conversational coherence. In: Petofi JS, editor. Text vs. sentence. Hamburg: Buske; 1979. vol. 29. p. 76-95.

Givón T. Topic continuity in discourse: the functional domain of switch-reference. In: Haiman J, Munro P., editors. Switch-reference and universal grammar. Amsterdam: John Benjamins; 1983.

Givón T. Syntax – a functional-typological introduction. Vol. II. Amsterdam: John Benjamins; 1990.

Gorski EM. O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras; 1994.

Jubran CC, et al. Organização tópica da conversação. In: Ilari R. Gramática do português falado. Vol. II: Níveis de análise lingüística. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp; 2002.

Koch IGV. A propósito: existem mesmo digressões? Cadernos de Estudos Lingüísticos. 1990.

Koch IGV. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto; 1992.

Koch IGV. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto; 2003.

Lins MPP. Organização tópica do discurso de tiras de quadrinhos [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras; 2003.

Marcuschi LA. Análise da conversação. São Paulo: Ática; 1986.

Mazieira E, Tesch LM. Verificação dos hábitos de fala de uma comunidade lingüística. In: Lins MP; Yacovenço L, organizadores. Caminhos em lingüística. Vitória: Nuples; 2002. p. 141-148.

Mentis M. Topic management in the discourse of one normal and on injured adult [tese]. Santa Barbara: University of California; 1988.

Paredes Silva VL. Ao correr da pena: aspectos da organização tópica em cartas pessoais. In: Heye J, organizador. Flores Verbais. Rio de Janeiro: Editora 34; 1995.

Yacovenço LC et al. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. Revista Alfa. 2012;56(3):771-806.

Recebido em: 09/07/2015

Aceito em: 02/10/2015
